

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA EDUCAÇÃO: A XENOFOBIA E SEUS IMPACTOS EM DOCENTES IMIGRANTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA

Antonio Andretti Albuquerque da Costa, Napiê Galvê

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11417>

Submetido em: 2025-03-04

Postado em: 2025-03-24 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA EDUCAÇÃO: A XENOFOBIA E SEUS IMPACTOS EM DOCENTES IMIGRANTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA.

ORCID iDs

1- ANTONIO ANDRETTI ALBUQUERQUE DA COSTA. Universidade Federal Rural do Semiárido.

<https://orcid.org/0009-0009-5113-466X>

2- NAPIÊ GALVÊ ARAÚJO DA SILVA. Universidade Federal Rural so Semiárido.

<https://orcid.org/0000-0002-7966-3311>

Resumo

A xenofobia no ambiente educacional é um desafio relevante para a internacionalização da educação, e para a integração de docentes e discentes imigrantes. A pesquisa objetiva analisar a percepção dos docentes estrangeiros sobre as manifestações xenofóbicas no ambiente da educação superior federal brasileira, identificando as principais formas de ocorrência, qual o impacto sobre o nível de bem estar e analisar se as instituições dispõem de políticas/programas capazes de fomentar o respeito e a diversidade cultural. Para a metodologia utilizou-se do levantamento como procedimento técnico para a coleta dos dados. A pesquisa baseia-se na percepção de 205 docentes não brasileiros natos da rede federal de educação superior, cujo tratamento dos dados foi realizado por meio da análise de conteúdo. Os resultados deste estudo indicam que, de fato, ocorre a xenofobia docente no ambiente da educação superior federal brasileira, desenvolvendo-se de diferentes formas, afetando diretamente o bem estar e o desempenho profissional dos pesquisados. Além disso, na visão da maior parte dos participantes, as administrações das universidades não agem de maneira adequada para inibir a ocorrência de atos xenofóbicos.

Palavras chave: xenofobia, docente estrangeiro, educação superior, internacionalização da educação, xenofobia docente.

CONTEMPORARY CHALLENGES IN EDUCATION: XENOPHOBIA AND ITS IMPACTS ON IMMIGRANT FACULTY IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION.

Abstract

Xenophobia in the educational environment is a relevant challenge for the internationalization of education and the integration of immigrant teachers and students. This research aims to analyze the perception of foreign teachers about xenophobic manifestations in the environment of Brazilian federal higher education, identifying the main forms of occurrence, the impact on the level of well-being, and analyzing whether institutions have policies/programs capable of promoting respect and cultural diversity. For the methodology, a survey was used as a technical procedure for collecting data. The research is based on the perception of 205 non-native Brazilian teachers from the federal higher education network, whose data treatment was performed through content analysis. The results of this study indicate that, in fact, xenophobia occurs among teachers in the environment of Brazilian federal higher education, developing in different forms, directly affecting the well-being and professional performance of the respondents. Furthermore, in the view of most participants, university administrations do not act adequately to inhibit the occurrence of xenophobic acts.

Keywords: xenophobia, foreign faculty, higher education, internationalization of education, faculty xenophobia.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS EN LA EDUCACIÓN: LA XENOFOBIA Y SUS IMPACTOS EN DOCENTES INMIGRANTES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR BRASILEÑA.

Resumen

La xenofobia en el entorno educativo es un desafío relevante para la internacionalización de la educación y la integración de docentes y estudiantes inmigrantes. Esta investigación tiene como objetivo analizar la percepción de los docentes extranjeros sobre las manifestaciones xenofóbicas en el entorno de la educación superior federal brasileña, identificando las principales formas de ocurrencia, el impacto en el nivel de bienestar y analizar si las instituciones disponen de políticas/programas capaces de fomentar el respeto y la diversidad cultural. Para la metodología, se utilizó un levantamiento como procedimiento técnico para la recolección de datos. La investigación se basa en la percepción de 205 docentes no brasileños nativos de la red federal de educación superior, cuyo tratamiento de los datos se realizó mediante el análisis de contenido. Los resultados de este estudio indican que, de hecho, ocurre la xenofobia docente en el entorno de la educación superior federal brasileña, desarrollándose de diferentes formas, afectando directamente el bienestar y el desempeño profesional de los encuestados. Además, en la visión de la mayoría de los participantes, las administraciones de las universidades no actúan de manera adecuada para inhibir la ocurrencia de actos xenofóbicos.

Palabras clave: xenofobia, docente extranjero, educación superior, internacionalización de la educación, xenofobia docente.

1. INTRODUÇÃO

A migração de pessoas abrange um amplo espectro de movimentos e deslocamentos em diferentes espaços geográficos e essa mobilidade é definida como o ato de se deslocar de uma região para outra com a intenção de se estabelecer, seja dentro do mesmo país ou através das fronteiras internacionais (Damarafi; Suwadono, 2022).

Esse fenômeno pode ser promovido por diversas razões como conflitos políticos, conflitos militares, situação econômica, mudanças climáticas ou pela busca de uma vida melhor, marcando-a como uma questão complexa em diversos países ao redor do globo (Kaleshi; Gripshi; Zhebo, 2022). Essa complexidade da migração é reconhecida em todo o mundo, com questões, muitas vezes, que vão além das capacidades de gestão dos diversos países, requerendo uma compreensão ampla de suas causas e efeitos atreladas ao seu aumento (Koumoutsakos, 2020).

Esse movimento massivo em todo o mundo, por razões e motivações distintas, pode, no entanto, provocar diversas reações nas populações locais, dentre as quais a xenofobia, impulsionada por fatores de identificação religiosa e étnica, concorrência econômica e diferenças de culturas (Barberis; Costa; Castiglione, 2023). Na sociedade brasileira, as manifestações xenofóbicas apresentam-se de diversos modos sendo influenciada por fatores históricos, sociais e políticos.

O aumento das manifestações de ódio anti-migratório, principalmente em cidades fronteiriças com outros países, converteu a xenofobia em discurso oficial, que promove a intolerância contra as minorias e grupos em vulnerabilidade (Guizardi; Mardones 2020). Por abrangerem distintos contextos, os atos de xenofobia atingem também o espaço educacional em seus diferentes níveis, inclusive o superior, sendo a exclusão uma das formas principais nestes ambientes, o que acaba acarretando na

dificuldade de integração, além de afetar a saúde emocional e mental desses e dessas imigrantes (Santos; Diana, 2018).

À vista disso e considerando a supressão das fronteiras e a internacionalização da educação, este artigo busca compreender a percepção dos(as) docentes não brasileiros natos sobre as manifestações xenofóbicas no ambiente acadêmico, identificando as principais formas de como esses atos se revelam, verificando quais os impactos implicados sobre o bem estar desse grupo, além de analisar, a partir da visão do professor(a) estrangeiro, se as políticas e programas de suas respectivas instituições de ensino são eficazes e suficientes para o fomento do respeito à diversidade cultural.

O estudo sobre a xenofobia docente no âmbito da educação superior é relevante pois essas instituições são fragmentos da sociedade e refletem questões sociais mais extensas, incluindo a própria xenofobia, a qual pode impactar de modo significativo a coesão social e a inclusão (Mgogo; Osunkunle, 2023). Além disso, esse fenômeno contribui para um ciclo de violência escolar, enfatizando a necessidade urgente de levantar seus efeitos angustiantes sobre quem os sofre nos ambientes educacionais (Dube; Setlentoa, 2024)

Ademais, grande parte das pesquisas sobre a xenofobia na seara educacional, independente do nível, no Brasil, está direcionada para o estudante (Kohatsu; Saito, 2022; Morais; Campos; Cotrin, 2023; Fischmann, 2020) no exterior também é possível encontrar estudos nesse sentido (Metin *et al.*, 2023; Mgogo; Osunkunle, 2023; Ngoben, 2022), restando carência em pesquisa direcionadas aos docentes. Essa é a lacuna que essa pesquisa observou e busca ajudar a ocupar na literatura ligada ao tema.

A discussão central deste artigo, permeia, por conseguinte, a análise das percepções dos e das docentes sobre as manifestações xenofóbicas ao(à) professor não brasileiro(a) nato (a) no ambiente da educação superior federal do Brasil com base nas experiências vividas e relatadas pelos próprios professores. Almeja-se, portanto, contribuir no preenchimento dessa lacuna e, além disso, busca-se constatar como essas atitudes são capazes de influenciar os diversos aspectos da vida dos e das professores(as).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Xenofobia

A xenofobia, que caracteriza-se por um temor excessivo de pessoas estranhas ou estrangeiras e revelou-se, no decorrer da história, de maneiras diferentes, sendo influenciada por fatores sociais, políticos e econômicos. Análises históricas denunciam que a xenofobia não é fato hodierno e sim parte sistemática da cronologia das sociedades (Baker, 2022). Na Grécia antiga, os estrangeiros foram vistos como uma ameaça à política estabelecida e um risco a ordem social, já na Roma antiga, ela era alimentada por uma crença de que os estrangeiros seriam culturalmente inferiores (Alves, 2019), para a América, esse temor entranhado do imigrante foi formado pela história nacional do colonialismo dos povoadores brancos, escravidão e racismo sistemático (Paalo; Adu-gyamfi; Arthur, 2022).

A institucionalização moderna da xenofobia inicia-se com o Estado-nação e seu juízo de discriminação pelo lugar de nascimento. O estrangeiro, nesse caso, é banido de direito, explorado e submetido estruturalmente aos princípios de exceção (Rigouste, 2018). Aliado a isso a ascensão de forças políticas nacionalistas também influenciam no fomento à discriminação da população de origem estrangeira. Elas atacam as liberdades e defendem a restrição de direitos das minorias, e aproveitando-se da manipulação demagógica e do discurso de ódio esses grupos nacionalistas utilizam-se de mensagens recheadas de indicações que o imigrante é uma ameaça e que irão promover a destruição cultural e identitária do povo, combinado ainda com a ameaça de ocupação laboral dos habitantes originais (Castro, 2023).

Esse tipo de nacionalismo se repete nos diversos continentes, como mostra o estudo de Culpi, Merchér e Pereira (2021), para a América do Sul, que analisou a promoção das práticas de xenofobia proporcionada por governos sul americanos a partir de 2015. O estudo de Costa e Vieira (2019), que trata sobre o nacionalismo e a xenofobia na União Europeia, concluiu que os discursos desumanizantes, em relação aos habitantes do sul-global desde a época da criação dos Estado-nação colonial, permanecem ensejando a discriminação xenófoba ainda na contemporaneidade.

A xenofobia atinge, porém, com maior intensidade determinados grupos de imigrantes e podem estar relacionados com alguma situação específica como períodos de instabilidade global e/ou econômica e isso pode ser observado em tempos de crise como a COVID 19 (Chen; Trinh; Yang, 2020). A este exemplo de relação a uma situação específica de instabilidade global/econômica temos alguns estudos (Cheng, 2020; Rzymiski; Nowicki, 2020), os quais mostraram que episódios xenófobos, não só contra pessoas de descendência chinesa, mas também de pessoas com origem asiática, se sucederam em decorrência e com forte influência da pandemia do COVID 19 por sua rápida disseminação, sua relevância global e por ter surgido inicialmente na cidade chinesa de Wuhan.

O continente Africano também enfrenta um processo migratório relevante na conjuntura atual em todo o mundo, os migrantes daquele continente realizam suas viagens utilizando-se de transportes em condições precárias e até mesmo infiltrados em navios sujeitos a condições insalubres e isso pode ser visto nas imagens distribuídas pelos diversos meios de comunicação, os quais mostram esses migrantes e refugiados desesperados a tentar atravessar o mar mediterrâneo para a Europa, com explícito aumento desde 2014 (Williams, 2019).

Muitos desses migrantes e refugiados dos diferentes continentes são crianças e jovens que acompanham seus familiares, além de profissionais em busca de resguardos e melhores condições de vida, e o ambiente educacional pode, em alguns casos, propiciar condições para ocorrência de atitudes xenófobas por parte dos locais. Alguns desses migrantes que se tornam estudantes ou profissionais em um novo país, ainda que não tenham sofrido discriminação explícita e aberta, podem conviver com o preconceito velado existente nos ambientes educacionais (Kohatsu; Saito, 2022).

2.1.1 Manifestações de Xenofobia no Ambiente Educacional

A xenofobia nos ambientes de ensino é considerada um desafio importante e que tem o poder de influenciar o bem-estar mental e o senso de integração dos alunos e professores estrangeiros, sendo predominante naqueles imigrantes estereotipados pelas mídias, o que contribui para essas percepções e atitudes depreciativas direcionadas para essas pessoas (Mgogo; Osunkunle, 2023). Destarte, controlar esse tipo de manifestação acaba tornando-se mais dificultoso pelo crescimento global da retórica e de políticas xenófobas emergentes, ressaltando a importância de os educadores articularem preceitos de inclusão e justiça (Metin *et al.*, 2023).

Na sociedade brasileira, as demonstrações de xenofobia são diversas e abrangem diferentes contextos, inclusive o ambiente educacional, como demonstrados no estudo de Kohatsu e Saito (2022), que foi realizado com alunos bolivianos ou brasileiros filhos de bolivianos do ensino fundamental e médio, onde mostrou-se que as agressões sofridas em decorrência de traços físicos ou pela nacionalidade acometeram esses alunos em diferentes momentos da trajetória escolar e em diferentes instituições de ensino.

No contexto da educação superior, a xenofobia cria uma névoa de intolerância que afeta de forma negativa a experiência dos estrangeiros na comunidade acadêmica (Fischmann, 2020). Além disso, ela pode causar transtornos como ansiedade, depressão e outros problemas de ordem emocional, que comprometem a saúde mental e a qualidade de vida durante o período de vivência na academia (Mancebo, 2023).

A xenofobia na educação superior é um tema de diversas faces e que se manifesta em vários contextos globais, atingindo de maneira significativa estudantes, professores, o próprio ambiente acadêmico e percepções sociais mais amplas (Mgogo; Osunkunle, 2023). No estudo realizado por Haft e Zhou (2021) com alunos sino-americanos da educação superior nos Estados Unidos sobre a relação da xenofobia com o advento da pandemia de COVID 19, os resultados mostraram que os alunos perceberam o aumento da discriminação a partir do início do período pandêmico, além da ampliação de sintomas de ansiedade. Na África do sul, a maioria dos estudantes estrangeiros da universidade de Joanesburgo, têm percepções ou já vivenciaram alguma experiência de xenofobia, dentre as quais incluem a discriminação linguística e a exclusão social e acadêmica (Ngobeni, 2022).

Por outro lado, de acordo com Morais, Campos e Cotrin (2023), as instituições de educação tem capacidade de serem bastante acolhedoras e que tanto os professores quanto os alunos brasileiros, e fundamentalmente, os próprios colegas de mesma nacionalidade, tem papel fundamental para a recepção e a promoção de situações para a integração dos estrangeiros nas escolas. A integração com outros alunos e professores possibilita aos imigrantes a capacidade de transmitir e receber conhecimentos, e isso serve como alicerce para proporcionar o seu desenvolvimento mútuo (Aita; Tuleski, 2017).

Atrelado a isso, a implementação de políticas antidiscriminatórias é essencial para garantir a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade na educação (Oliveira; Horochovski, 2021). Essas políticas devem buscar criar um ambiente mais receptivo e inclusivo para os estrangeiros, oferecendo suporte emocional, linguístico e

social (Fischmann, 2020). Além disso, é importante envolver toda a comunidade acadêmica nesse processo, incentivando o diálogo e a reflexão sobre as questões relacionadas à diversidade cultural. Somente assim será possível construir um ambiente acadêmico verdadeiramente inclusivo e multicultural (Milesi; Coury; Rouvery, 2018).

2.2 O Contexto da Internacionalização Universitária

Desde as últimas décadas temos vivenciado uma conjuntura marcada por transformações no campo da educação, as quais influenciam as políticas supranacionais, que compreendem o conjunto de direções, indicações e recomendações emitidas pelas organizações internacionais de educação (Hatsek; Woicolesco; Rosso, 2023). A internacionalização do ensino superior é uma tendência transformadora e sofre influência de diversos fatores dentre os quais estão os sociais, os culturais, os econômicos e os políticos, enfatizando os valores humanos e outras perspectivas para engrandecer a educação globalmente (Tran *et al.*, 2023).

Para Morosini (2019), esse é um processo de integração em duas dimensões: a dimensão internacional e a dimensão intercultural, sendo um meio para concepções mais amplas e densas relacionadas ao bem-viver, ao desenvolvimento sustentável e ao alcance de uma cidadania global. Já para Santos Filho (2020), o processo de internacionalização não pode ser entendido como um conjunto de forças independentes, pois ela compreende três dimensões quais sejam: a internacional, a intercultural e a global, ou seja, significa que é uma relação triangular entre nações, culturas ou países.

O desenvolvimento dessa internacionalização passou, nos últimos anos, a ser estratégico no setor educacional superior, reforçando o fato da globalização estar cada vez mais estabelecida no cenário mundial (Wit, 2019). Na sociedade globalizada o conhecimento torna-se importante para o desenvolvimento sustentável dos países, e as instituições de ensino superior têm investido nesse processo de romper as barreiras nacionais, tornando-se um importante elemento no processo de cooperação e produção entre seus países e os respectivos mercados (Morosini; Corte, 2018).

Diante disso, todo esse movimento passa a ser um recurso de interesse de muitas universidades em todo o mundo, não como um aspecto que lhes é imposto e o qual precisam cumprir, mas como uma decisão individual de cada instituição, resultado do entendimento sobre a sua importância para o país como promotora do desenvolvimento das ciências em geral (Pereira, 2019).

Essa relação é estabelecida entre a educação superior e a globalização, associadas aos conceitos de cooperação internacional, educação internacional, mundialização e outros mais, além de ser apoiada também pela contribuição dada por docentes estrangeiros, que trazem consigo suas experiências, perspectivas e conhecimentos para enriquecer o ambiente acadêmico (Wit, 2019). A presença de professores de distintas nacionalidades contribui para a diversidade do corpo docente, o que aumenta a pluralidade de ideias e perspectivas em sala de aula, podendo atrair mais estudantes de outros países e que visam uma educação de qualidade e promissora em um ambiente internacionalmente diversificado (Knight, 2020).

3. METODOLOGIA

Esta seção visa apresentar a abordagem metodológica adotada neste estudo, destacando a caracterização da pesquisa, as técnicas utilizadas para coleta e análise de dados, bem como os participantes da pesquisa. Estes elementos são fundamentais para alcançar tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos propostos.

No que diz respeito aos objetivos, essa pesquisa é considerada descritiva, ao passo que se dispõe a descrever a percepção do/da docente estrangeiro(a) sobre as manifestações xenofóbicas no âmbito da educação superior. Os estudos descritivos procuram identificar as propriedades, as características e os traços que sejam relevantes para qualquer fenômeno que analisamos. São capazes, ainda, de descrever tendências de um grupo ou população. Ou seja, tem a intenção unicamente de medir ou de coletar informação de maneira autônoma ou conjunta sobre os conceitos a que se referem. Esses estudos descritivos são pertinentes para mostrar com precisão as dimensões de um fenômeno ou situação (Sampieri; Collado; Lúcio, 2013).

Quanto à abordagem do problema, classifica-se como de caráter misto, pois possui uma perspectiva investigativa que combina a coleta de dados quantitativos e qualitativos, integrando ambos os tipos de dados e empregando diferentes desenhos que refletem pressupostos filosóficos e estruturas teóricas. A premissa fundamental dessa abordagem é que a combinação de dados qualitativos e quantitativos proporciona uma compreensão mais abrangente do que a obtida a partir de dados quantitativos ou qualitativos de forma isolada. (Creswell; Creswell, 2012).

Esta pesquisa adotou o levantamento como procedimento técnico, uma vez que este método de pesquisa permite a busca de dados e informações coletivas de características, ações ou ponto de vista de um grupo de pessoas, utilizando-se questionários com escalas de mensuração. Este método permite ainda ao pesquisador interpretar, discutir e fazer correlação entre os dados coletados estatisticamente, sendo sua maior utilidade proporcionar ao pesquisador conhecer e avaliar uma amostra, concebendo uma visão coletiva do comportamento de um grupo, reunindo, portanto, características da pesquisa quantitativa e qualitativa (Michel, 2015).

No que diz respeito ao período da coleta de dados, a pesquisa é considerada de corte transversal, uma vez que os dados são coletados em um ponto determinado do tempo, utilizando-se como base uma amostra aleatória, alcançando-se desta forma uma imagem pronta capaz de informar acerca da situação social do momento em que coletaram-se os dados (Richardson, 2017). Quanto ao desenho, a presente pesquisa pode ser classificada como não experimental, pois observa os fenômenos da maneira como aconteceram dentro do contexto natural para posterior análise (Sampieri *et al.*, 2013).

Os participantes da pesquisa serão os professores e professoras não brasileiros natos e que possuem vínculo com as instituições de ensino superior federais brasileiras com pelo menos 01 (um) ano de docência nas referidas universidades.

Os dados primários foram coletados por meio de questionário misto, de perguntas abertas e fechadas com escala de Likert, na forma de Escala de Avaliação,

com a utilização de formulários do *Google*. De acordo com Symon (2012), por combinar questões abertas e fechadas, este tipo de questionário permite uma coleta de dados de forma mais abrangente e detalhada, assentindo uma análise qualitativa e quantitativa das informações.

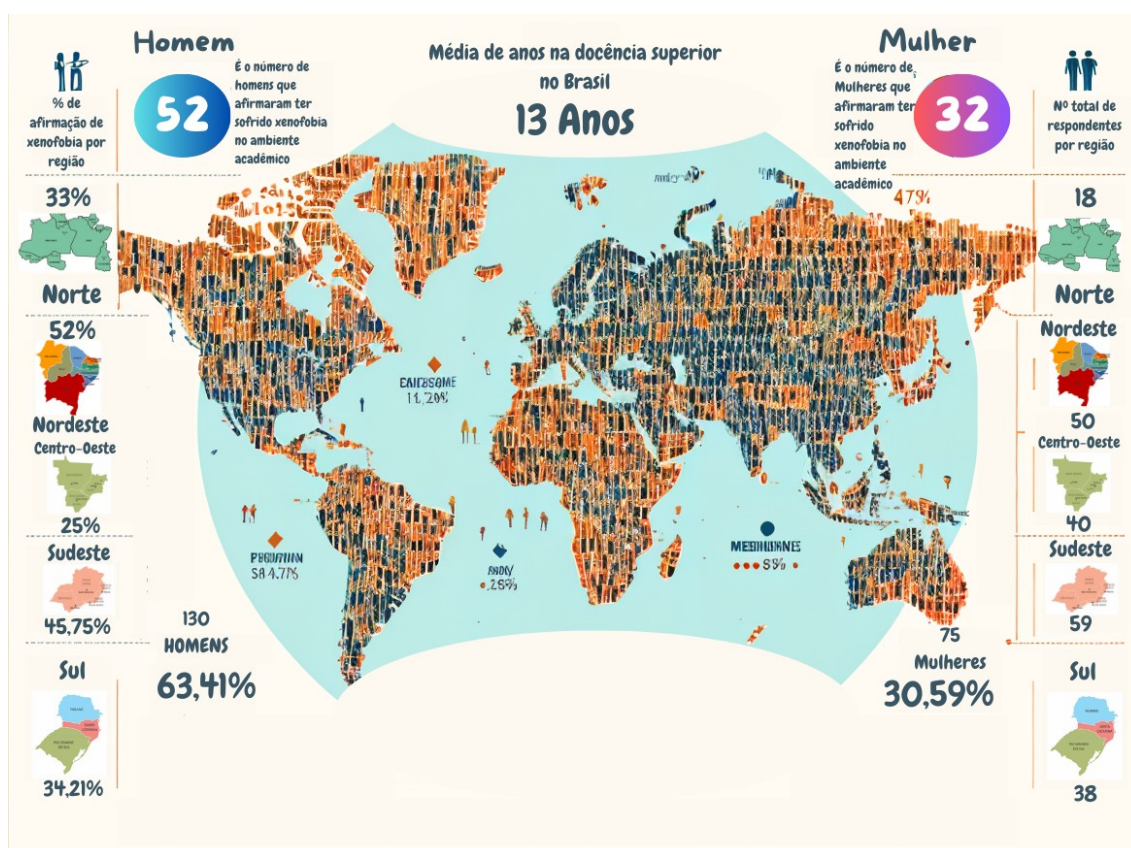
O questionário foi submetido e devidamente aprovado por comitê de ética e pesquisa, conforme parecer consubstanciado no CAAE: 78203224.5.0000.5294, para então somente, após consentido, ser encaminhado via *e-mail* institucional dos e das docentes e aplicado através dos formulários *google*. O endereço eletrônico dos e das professores(as) foi solicitado por meio do Fala.br, que é uma Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação do Poder Executivo Federal. Algumas instituições de ensino, justificando-se na lei de proteção de dados, não forneceram os *e-mails* dos e das docentes, todavia indicaram endereço eletrônico para onde o questionário deveria ser enviado para posterior compartilhamento junto ao público de interesse deste estudo.

O tratamento dos foi realizado por meio de análise de conteúdo, que é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 47). As distintas fases para a análise de conteúdo como a experimentação ou o inquérito sociológico organizam-se em três polos cronológicos, quais sejam: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2016).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção nos dedicaremos à discussão dos resultados achados junto aos docentes não brasileiros natos, com pelo menos um ano de trabalho e que atuam nas universidades públicas federais brasileiras. Assim sendo, as respostas do questionário baseiam-se na experiência e nas percepções individuais de cada um/uma deles(as).

As informações presentes na figura 1 apresentam referências gerais importantes para a compreensão da pesquisa, do perfil dos participantes além da distribuição e percepções de atitudes xenófobas pelas regiões brasileiras. Nos discursos examinados, verificou-se que determinados atos de xenofobia repetiram-se de forma semelhante com diferentes docentes estrangeiros, além da percepção desses professores sobre fatores que estão diretamente atrelados ao aumento ou diminuição de ações de xenofobia.

Figura 1 – Distribuição por gênero e respondentes por região.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2024).

O Brasil possui cerca de 2.800 docentes estrangeiros ligados às diversas instituições de ensino superior federal e esta pesquisa obteve resposta de 205 professores e professoras, o que representa aproximadamente 7,32% da população total alvo do estudo.

A região sudeste, como mostra a figura 1, acomoda a maior fatia na participação docente nesta pesquisa, sendo seguida pela região nordeste. A região norte é quem dispõe do menor número de professores(as) participantes e as regiões sul e centro-oeste estão na posição intermediária com o quantitativo de docentes bem aproximado entre elas. Em relação aos continentes, a América contribuiu com o maior número de respondentes da pesquisa com 56,58%, o continente europeu apresentou 36,58% e a África e Ásia tiveram 2% cada um aproximadamente, não houve respondentes da Oceania e as pessoas que não informaram a sua nacionalidade ficou em torno de 2%. A Tabela 1 nos ajuda a visualizar com maior clareza esse números.

Tabela 1 - Perfil geográfico dos participantes por continente.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Cerca de 41% (87) dos e das docentes que responderam o questionário aplicado afirmaram que já experimentaram situações em que se sentiram alvo de xenofobia por parte de outros servidores (técnicos(as) ou professores(as)) ou de discentes da instituição de ensino os quais estavam ligados ou ligadas. A xenofobia simbólica, incluindo as percepções, atitudes e comportamentos relacionados é vivenciada pelos não nacionais nas instituições de ensino superior (Mgogo; Osunkunle, 2023).

Desse extrato identificou-se que 32 eram mulheres, representando 38,10% do total daqueles que afirmaram ter sofrido algum tipo de situação xenófoba, enquanto os homens representaram 61,90% ou 52 participantes. Três participantes não responderam como se identificavam. As situações xenofóbicas que mais foram relatadas estão ligadas à língua, a ocupação de vaga que deveria ser efetivada por um brasileiro nato, assédio moral e questões fenotípicas como é possível verificar nas respostas abaixo:

Pediram para eu fazer fonoaudiologia para excluir meu sotaque (Entrevistado 03).

Alguns técnicos da universidade fizeram comentários agressivos sobre o meu sotaque, e isso me afetou (Entrevistado 128).

Colegas de profissão se manifestaram que assumindo a vaga de professor eu estaria tirando a vaga de um brasileiro e que achavam isso errado (Entrevistado 72).

Sinto xenofobia por parte dos discentes, servidores e colegas... no sentido porque como estrangeiro me encontro ocupando um cargo que devia ser para brasileiros (Entrevistado 94).

Os meus colegas professores (doutores) sentem-se no direito de me tratar como escravo e animal de carga para fazer tarefas (Entrevistado 89).

Fui comparada com pessoa do povo indígena pelas minhas características similares, mas não de uma maneira respeitosa, foi do tipo irônico e desagradável (Entrevistado 08).

Com base nas respostas coletadas a partir das experiências, há indicativo de que essas circunstâncias envolveram comentários ofensivos, piadas ofensivas e discriminação explícita, sugerindo que muitos dos participantes encaram xenofobia de maneira aberta em seus locais de trabalho. Muitos reportaram problemas com relação ao sotaque e à linguagem, indicando que as barreiras linguísticas são agentes relevantes nas experiências xenofóbicas.

Observou-se nas respostas um preconceito cultural, onde os docentes estereotipados, inclusive sentiram que suas competências foram questionadas devido às suas origens, demonstrando que a xenofobia também pode se exteriorizar por meio dos estigmas culturais. Tudo isso acaba por tornar o ambiente hostil para essas pessoas, com relatos de sensação de isolamento por parte da comunidade acadêmica, o que tem potencial de gerar impacto negativo no ambiente de trabalho, no desempenho profissional e no bem estar desses professores.

Nos formulários cada participante relatou, com base em sua experiência real, a forma como lidou com as situações de xenofobia com as quais se deparou. Dentro dessa realidade, emergiram diferentes unidades de contexto, as quais mais se repetiram foram: sentimento de exclusão, impacto no desenvolvimento de atividades profissionais, e influências psicológicas. Os trechos abaixo das respostas do professores e professoras mostram como as experiências reforçaram o sentimento de exclusão:

A gente se sente excluída, sente que não pertence a um dado grupo e isso faz muito mal para nossa vida (Entrevistado32).

Gera um sentimento de exclusão pelo simples fato de ter nascido em outro país diferente, a consequência é evitar participar de determinadas atividades na universidade (Entrevistado 165).

O sentimento de não ser aceito pelo simples fato de ter nacionalidade diferente traz muita tristeza e angústia para mim (Entrevistado 185).

Ânimo abalado, tristeza e solidão. Quando somos imigrantes e não temos por perto ninguém da família nem amigos de toda a vida, o sentimento de solidão se intensifica (Entrevistado 51).

Os docentes também relataram que os atos de xenofobia influenciam diretamente no desenvolvimento de suas tarefas laborais e na saúde mental. Exemplos dessas influências mais reportadas são evitar participar de atividades do próprio departamento, sensação de falta de relevância acadêmica, prejuízo para formação acadêmica dos discentes além de ter afetado de forma negativa sua condição psicológica. A ansiedade e a depressão, geradas a partir de atos xenofóbicos, são adversidades que afetam diretamente a saúde mental e conseqüentemente o bem estar do indivíduo durante sua vivência na universidade (Mancebo, 2023). Outros trechos das respostas dos participantes demonstram os sentimentos decorrentes das atitudes xenofóbicas.

Fiquei com medo de assistir às reuniões do colegiado, fiquei com insegurança sobre as minhas capacidades, é uma sensação de estar só, com pouca solidariedade de colegas, insegurança em relação ao estágio probatório e falta de concentração no preparo das aulas (Entrevistado 42).

Em reuniões de colegiado, por vezes, a minha opinião e experiência são descartadas, algo que nunca observei com outros colegas. Toda minha experiência foi ignorada em colegiado (Entrevistado 09).

Em muitas situações sinto que minhas colocações não estão sendo consideradas e valorizadas por alguns colegas e é uma sensação ruim (Entrevistado 105).

Afeta principalmente no desenvolvimento de pesquisa e na formação que deveria passar para os alunos (Entrevistado 142).

Ânimo baixo, muita tristeza influenciando na vontade de participar das atividades do departamento. Também influencia no trato com familiares (Entrevistado 204).

Neste sentido, muitas respostas referenciaram significativo impacto emocional nos participantes, incluindo sentimentos de tristeza, desânimo e isolamento afetando diretamente a confiança deles e delas gerando, com base nas menções, falta de motivação e sentimento de desvalorização no trabalho. Algumas respostas fazem referência a falta de apoio por parte das instituições, fato que pode gerar o agravamento no impacto das experiências e expandir o sentimento de desamparo.

Quando questionados sobre o motivo impulsionador de ações degradantes como a xenofobia no ambiente da educação superior, a maior parte dos respondentes identificou a falta de compreensão cultural diversa como um fator determinante para as atitudes xenofóbicas. Outros fatores foram mencionados e incluíram ignorância, influências políticas e questões sociais, destacando a complexidade dos contextos nas quais a xenofobia se manifesta. Contudo houve relatos de pessoas que conseguiram lidar com as situações mencionando resiliência para superar essas adversidades.

Apesar de a grande maioria dos respondentes que reportaram xenofobia, cerca de 84%, relataram que essas situações não colocaram em risco a sua integridade física, no entanto uma parcela de 13% expôs preocupação em relação a sua segurança pessoal, fato esse que deve ser levado em consideração, pois todos os tipos de agressões têm implicações negativas na vida das vítimas dentro do âmbito educacional, em alguns casos, inclusive, é necessária a busca por ajuda psicológica (Kohatsu; Saito, 2022).

Figura 2 - Fatores e agentes influenciadores para xenofobia.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Diante, pois, dos números apresentados, na figura 2, sobre as influências para as práticas de xenofobismo, destacamos alguns relatos, em seguida, que corroboram o sentimento dos participantes e nos ajudam a compreender as suas percepções individuais que acabam tornando-se ainda mais relevantes quando aglutinadas em um indicador.

Pode ser a entrada maior de estrangeiros e a criação de entendimentos culturais diversos, compreensão de visão de mundo objetivamente diferentes que impõe ao povo brasileiro dificuldades que estão além das suas possibilidades (Entrevistado 22).

A xenofobia está em uma crescente, mas com viés étnico-racial e de classe social (Entrevistado 34).

A minha integração é maior porque conheço melhor a cultura local, mas reconheço que as questões culturais podem aumentar a xenofobia (Entrevistado 77).

Vejo que a xenofobia aumentou. Talvez pela ignorância, condição social e ideologia política (Entrevistado 126).

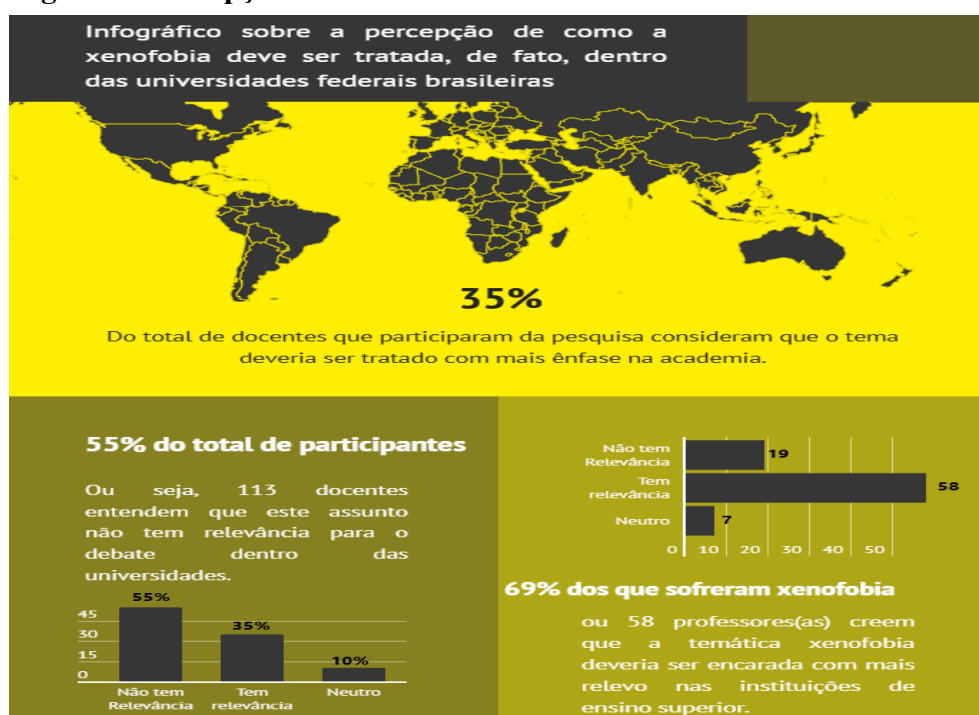
Fazendo um paralelo entre os fatores que contribuem para as atitudes xenofóbicas e as respostas subjetivas do questionário a falta de compreensão cultural diversa pode ser contornada a partir da educação e sensibilização da comunidade. Questões como a retórica nacionalista ou políticas de segregação consagradas nos discursos de líderes políticos estampam as respostas ligadas a influência política. Outro aspecto é a questão social, que é vista diretamente ligada pela competição por recurso ou empregos em contextos de escassez, e são explicitamente citados nas respostas do questionário.

Também foram elencadas questões ligadas ao tratamento dado à xenofobia que se desenvolve na academia de fato. No que concerne à relevância que a temática ocupa

ou deveria ocupar dentro das universidades, quando consideramos todos os respondentes, independente de terem sofrido episódios xenófobos, pouco mais da metade (55%) dos docentes entende que este tema não tem relevância para o debate dentro das instituições, enquanto um terço (35%) afirma que a questão deveria ser tratada com mais ênfase.

Essas percepções sofrem significativas alterações quando levados em consideração apenas os/as docentes que já experimentaram a xenofobia nas suas instituições. Para esse grupo específico de docentes, o tema tem relevância para 69% dos respondentes, por outro lado cerca de um quinto, ou 20%, se posiciona na afirmativa que não há relevância para o assunto no âmbito acadêmico. O infográfico, figura 3, que aparece na sequência, ajuda a compreender essas concepções tanto do grupo total de participantes da pesquisa, quanto da parte que informou ter passado por atitudes xenófobas.

Figura 3: Percepção sobre a relevância da xenofobia nas universidades



Elaborado pelos autores (2024).

O questionário dispôs ainda de um bloco composto por perguntas fechadas, que tratam sobre a percepção dos docentes em relação ao comportamento da administração institucional diante das práticas xenofóbicas. As perguntas estruturadas, em escala tipo likert, sendo avaliada de 1 – 5, com as respectivas legendas em ordem decrescente: 1- Sim, na maior parte das vezes; 2- Sim, na menor parte das vezes; 3- Neutro; 4- Não, na menor parte das vezes; 5- Não, na maior parte das vezes. A tabela 1 revela as percepções sobre o contexto e a possibilidade de programas de sensibilização para mitigação da xenofobia nas instituições de ensino superior federal do Brasil, segundo os participantes vítimas de atos xenofóbicos.

Tabela 1 – Resposta sobre a percepção docente sobre ação institucional diante da xenofobia.

Sentença	Grupo	Frequências Brutas em cada um dos pontos da escala					Top Two Box CT [1] e C[2]	Bottom Two Box DT [5] e D [4]
		1	2	3	4	5		
A administração da Universidade está ciente desse problema?		8.23%	7.06%	20.00%	10.59%	54.12%	15.29%	64.71%
A administração toma alguma atitude em relação a estas questões?		2.35%	7.05%	20.00%	8.25%	62.35%	9.40%	70.60%
A sua instituição possui políticas específicas para combater a xenofobia no ambiente acadêmico?		9.42%	4.70%	22.35%	9.42%	54.11%	14.12%	63.53%
Você acredita que é útil a implementação de programas de sensibilização para a comunidade acadêmica sobre diversidade cultural?		80%	14.1%	4.71%	1.18%	0	94.11%	1.18%

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Se avaliarmos o Bottom Two Box, da tabela 1, que representa o somatório dos que responderam: não, na menor parte das vezes com o não, na maior parte das vezes, verificamos que para mais de 64,71% dos afetados pela xenofobia, a administração das universidades não têm conhecimento sobre os atos xenofóbicos dentro das instituições, e que para 70,60% mesmo a administração sabendo das ocorrência não há uma abordagem ativa para resolução dos fatos.

Ainda de acordo com a tabela 1, no bottom two box, para 63.53% dos docentes as instituições não possuem políticas específicas voltadas para o combate da xenofobia nas universidades, o que para 94.11% dos participantes, no top two box, que representa o somatório do sim, na maior parte das vezes com o sim, na menor parte das vezes, a existência dessas políticas/programas seria útil à sensibilização da comunidade acadêmica, visto que o respeito e o direito ao tratamento justo independe do lugar de origem.

Também foi levado aos docentes não brasileiros natos a questão sobre a hipótese de deixar o Brasil em decorrência de xenofobia experienciada dentro do ambiente acadêmico, e apesar dos relatos mostrarem que cerca de 41% (87 respondentes) dos/das professores(as) que reportaram xenofobia, os que consideraram deixar o país em virtude das situações xenofóbicas representam cerca de 15% (13 docentes), os outros 85% (74)

estigma de um país, origem de país sulamericano, questões de ideologias políticas que desencadeiam conforto para atitudes xenofóbicas, discurso extremista, nacionalismo hostil e a cobertura midiática, além da concorrência por vaga na universidade. Quanto aos critérios, no quadro X, foram listados os mencionados repetidas vezes pelos docentes em suas respectivas respostas.

As células azuis aludem a percepção de atenuação da xenofobia, interligando-se entres si a partir dos discursos dos participantes, quais sejam: avanços sociais, mudança de posição na universidades (*status*), integração cultural local com a comunidade, maior diversificação étnica nas universidades, pluralidade multicultural e menos contato com agressores.

As células amarelas correspondem a questões ambíguas, ou seja, influencia tanto para o crescimento, quanto para a redução xenofóbica, a saber: a origem do imigrante, as políticas governamentais, a região do país em que se trabalha e vive, além da percepção do que é ou não considerado xenofobia subjetivamente por cada um dos respondentes, visto que situações iguais foram consideradas como xenófoba por uns e não consideradas por outros participantes da pesquisa.

As respostas subjetivas dos docentes, como as descrições apresentadas a seguir, também ajudam a compreender a percepção sobre o fenômeno da xenofobia.

Vejo no ambiente acadêmico brasileiro uma boa tolerância de estrangeiros. Sendo britânico não tenho tido experiência de xenofobia. Acredito que docentes de países como Peru, Chile, Bolívia etc., podem ter outros relatos (Entrevistado 2).

A xenofobia quanto ao fato de eu ser português está nos mesmos níveis que há 12 anos. Não notei mudança alguma” (Entrevistado 65)

Tem diminuído, melhorou o nível educacional (Entrevistado 62).

Mudou, existe mais compreensão e empatia, o povo brasileiro melhorou o acolhimento e respeito ao estrangeiro (Entrevistado 77).

Tenho a sensação que está aumentando e que pode vir a aumentar mais nos próximos anos com a polarização da política e os novos rumos sociais (Entrevistado 149).

Portanto, os participantes perceberam tanto uma diminuição como uma aumento da xenofobia ao longo do tempo. Os que observaram a atenuação atribuem essa alteração ao crescimento da conscientização sobre a diversidade cultural e a melhora na educação sobre intercultura, nos dando uma direção que ações de sensibilização podem ter um impacto positivo nesta relação. Já os participantes que captaram aumento xenofóbico ligam o avanço com maior frequência a fatores políticos, como o extremismo e ideologias nacionalista, indicando que o contexto político tem o poder de influenciar as atitudes sociais em relação aos imigrantes. Para Castro (2023), esses grupos políticos representam uma agressão direta à essência dos direitos humanos, aproveitando-se da grande quantidade de pessoas que se entregam aos braços de líderes messiânicos e autoritários.

Essas mudanças de percepções podem estar ligadas a fatores pessoais como o tempo de residência no Brasil, a fluência na língua nativa e a integração social e cultural do ambiente. Percebeu-se pelos relatos que aqueles e aquelas que disseram dominar a língua portuguesa ou que se sentiam mais integrados na sociedade inclinaram-se a constatar menos atitudes xenofóbicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo migratório é resultado de diversos fatores que forçam as pessoas a deixarem seu país natal para iniciar nova jornada em um lugar novo, com nova cultura e costumes e uma nova sociedade, que nem sempre está preparada e aberta a receber os não nacionais. Fatores diversos influenciam as relações entre nacionais e imigrantes, com potencial relevante de proporcionar impactos significativos entre os envolvidos.

Observado isso, o presente artigo buscou analisar essas relações, a partir das experiências de docentes não nacionais das universidades federais brasileiras para verificar a presença da xenofobia e, no caso de ocorrência, como esses eventos xenofóbicos afetam o desempenho profissional e o bem estar desse grupo de pessoas.

Constatou-se nos resultados desta pesquisa diferenças nas experiências acadêmicas, com relatos de integração satisfatória e a não vivência de xenofobia, todavia um número expressivo de 41% dos participantes relataram situações xenofóbicas dentro das universidades federais, proporcionando reflexos negativos e significantes para o bem estar emocional e o desempenho profissional dessas pessoas, corroborando com os resultados das pesquisas de Fischman (2020) e Mgogo e Osunkunle (2023), que concluíram em seus estudos que a xenofobia tem poder de influenciar o bem estar e afetar negativamente as experiências dos não nacionais na academia.

As vivências relatadas mostraram que as atitudes xenofóbicas se manifestam de maneiras distintas, por vezes praticadas de maneira direta e em outras proferidas de maneira sutil e indireta, revelando-se desde de comentários e piadas com a língua até a exclusão social e profissional. Esse tipo de atitude também foi constatada no estudo de Ngobení (2022) realizado com alunos imigrantes na universidade de Joanesburgo, na África do Sul, que identificou que a maioria dos alunos estrangeiros daquela universidade experimentaram a xenofobia, dentre as quais incluíam relatos ligados a questões linguísticas e a exclusão social.

A maior parte dos respondentes vítimas de xenofobia acreditam que a administração das universidades não estão cientes desse problema, e mesmo quando tomam ciência não agem de maneira adequada para resolução da situação. Além disso, dois terços afirmaram que as universidades não possuem políticas para combater esse tipo de atitude, mas que a implementação de programas de sensibilização para a comunidade acadêmica sobre diversidade cultural é eficaz para a redução da xenofobia.

Considerando então as respostas dos participantes, os direcionamentos da pesquisa levaram à conclusão que, de fato, ocorre a xenofobia no ambiente da educação superior federal do Brasil, sendo vista como relevante para alguns participantes e menos importante para outros, mas ainda assim acometeu cerca de 41% ou 87 respondentes.

Diversos relatos deixaram explícitos que as consequências psicológicas, sociais e profissionais podem ser profundas, atingindo diretamente o bem estar dos professores vítimas do preconceito xenofóbico. Os docentes também identificaram a inexistência de políticas/programas que apoiem o fomento do respeito e da diversidade cultural nestes ambientes.

Dado os resultados, percebe-se a necessidade de ampliação nos estudos da xenofobia na educação brasileira em todos os seus níveis e com diferentes públicos-alvo, visto que não há tantos trabalhos com esta temática específica no Brasil. O aprofundamento poderá permitir compreender o fenômeno de forma mais ampliada, sendo possível a partir dele desenvolver soluções para mitigar a perpetuação da xenofobia na educação.

Em última análise, combater a xenofobia não se trata apenas de justiça social, mas também de uma perspectiva para engrandecer o ambiente da educação superior com concepções diversas, promovendo a inovação e o desenvolvimento intelectual.

REFERÊNCIAS

AITA, E. B.; TULESKI, S. C. O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Perspectivas em Diálogo: Revista de educação e sociedade**, Naviraí, v. 4, n. 7, p. 97-111, jul. 2017. Recuperado de: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/3195/3282>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Alves, M. M. Afro-reparação e educação superior: a práxis negra. **O pensamento de Rodolfo Kusch: movimentos seminais na América Profunda**. ed.1, Porto Alegre: CirKula. 2019. <https://www.ufrgs.br/peabiru/wp-content/uploads/2020/07/O-pensamento-de-Rodolfo-Kusch-movimentos-seminais-na-Am%C3%A9rica-profunda.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BAKER, J. O. Of fear and strangers: a history of xenophobia. **Revista Ethnic and Racial Studies**, vol. 46, p. 1702-1705, jul. 2022. DOI: 10.1080/01419870.2022.2098154. Acesso em: 12 nov. 2023.

BARBERIS, N.; COSTA, S.; CASTIGLIONE, C. Xenophobia and xenophilia, the bright and dark sides of attitude towards foreigners: a self-determination theory approach. **Psychological Reports**, vol. 127, n. 5, p. 2427-2450, 2023. DOI: 10.1177/00332941231152394. Acesso em: 07 jan. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CASTRO, A. M. Populismo nacionalista, inmigración y xenofobia. **Cuadernos Electrónicos de Filosofía del Derecho**, n. 49, p. 447-460, jun. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.7203/CEFD.49.26201>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CHEN, H. A.; TRINH, J.; YANG G. P. Anti-Asian sentiment in the United States - COVID-19 and history. **The American Journal of Surgery**, vol. 3, p. 556-557, set. 2020. DOI: 10.1016/j.amjsurg.2020.05.020. Acesso em: 15 jan. 2023.

CHENG, S. O. Xenophobia due to the coronavirus outbreak - A letter to the editor in response to "the socio-economic implications of the coronavirus pandemic (COVID-19): A review". **Int J Surg**, vol. 79, p. 13-14, maio 2020. DOI: 10.1016/j.ijisu.2020.05.017. Acesso em: 12 jan.2023.

COSTA, V. V. da.; VIEIRA, L. K. Nacionalismo, xenofobia e união europeia: barreiras à livre circulação de pessoas e ameaças ao futuro do bloco europeu. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 64, n. 3, p. 133-160, set./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rfdufpr.v64i3.65536>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, D. C. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

CULPI, L. A.; MÈRCHER, L.; PEREIRA, A. E. Argentina e Brasil no alinhamento das práticas de xenofobia: uma investigação dos governos Macri e Bolsonaro. **Revista Conjuntura Global**, Paraná, v. 10, n. especial p. 1-19, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/cg.v10i0.82466>. Acesso em: 21 dez. 2023.

DAMARAFI G. R.; SUWANDONO. D. Pengaruh migran terhadap perubahan guna lahan di wilayah desa bandungrejo, kecamatan mranggen, kabupaten demak. **Teknik PWK (Perencanaan Wilayah Kota)**, v. 11, n. 3, p. 191-196, 2022. DOI:<https://doi.org/10.14710/tpwk.2022.29616>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DUBE, B.; SETLALENTOA, W. Mas não sabemos de nada, nascemos nessa situação: experiências de alunos que enfrentam a xenofobia na África do Sul. **Ciências da Educação**. v. 14, n. 3, p. 297-308, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/educsci14030297>. Acesso em: 25 ago. 2024.

FISCHMANN, R. Acesso ao ensino superior, xenofobia e racismo: fenótipos, estereótipos e pertencimento nacional. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 12, n. 27, p. 320–345, 2020. Acesso em: 12 jan. 2024.

GUIZARDI, M. L.; MARDONES, P. Las configuraciones locales de odio. Discursos antimigratorios y prácticas xenofóbicas en Foz de Iguazú, Brasil. **Estudios Fronterizos**. v. 21, n. 45. p. 1-24, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21670/ref.2003045>. Acesso em: 14 nov.2023.

HAFT, S.; ZHOU, Q. Um surto de xenofobia: discriminação e ansiedade percebidas em estudantes universitários sino-americanos antes e durante a pandemia de COVID-19. **Revista Internacional de Psicologia**, v. 56, n. 4, p. 522 – 531, jan. 2021. DOI:<https://doi.org/10.1002/ijop.12740>. Acesso em: 02 fev. 2021.

HATSEK, D. J. R.; WOICOLESCO, V. G.; ROSSO, G. P.; Internacionalização na educação básica: um estado do conhecimento. **Eventos Pedagógicos**, v. 14, n. 1, p. 70–90, jan/maio 2023. DOI: 10.30681/reps.v14i1.10998. Acesso em: 13 jan. 2024.

KALESHI, E.; GRIPSHI, Z.; ZHEBO, E. Migration vs. potential migration: why do albanians have a great desire to migrate?. **Interdisciplinary journal of research and**

development, vol. 9, n. 1, p. 44-47 mar. 2022. DOI: 10.56345/ijrdv9n1s107. Acesso em: 10 fev. 2023.

KNIGHT, J. **Internacionalização da Educação Superior: conceitos, tendências e desafios**. ed. 2. e-book. São Leopoldo: Oikos, 2020. Disponível em: <https://oikoseditora.com.br/files/Internacionalizacao%20da%20educ%20superior%20-%20JANE%20KNIGHT%20-%20e-book.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2024.

KOHATSU, L. N.; SAITO, G. K. Xenofobia na escola pública: a perspectiva dos estudantes do Ensino Médio. **Revista Psicoperspectivas**, Valparaíso vol. 21, n. 1. mar. 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivasvol21-issue1-fulltext-2554>. Acesso em: 12 dez. 2023.

KOUMOUTSAKOS, G. Migration: a european question in need of urgent answers:. **European View**, vol. 19, n. 1, jun/dez. 2020. DOI: 10.1177/1781685820915970. Acesso em: 10 fev 2023.

MANCEBO, D. Educação superior no Brasil (2013-2021): austericídio, neoconservadorismo e filiação sindical . **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 15, n. 2, p. 227–239, 2023. DOI: 10.9771/gmed.v15i2.55171. Acesso em: 12 jan. 2023.

METIN, Y.; YILDIRIM, M.; YILDIRIM, SALIH.; ELKOCA A.; VAROL E.; AYDIN, M. A.; DEGE, G. Investigation of the relationship between xenophobic attitude and intercultural sensitivity level in health education students. **Journal of Transcultural Nursing**, vol. 34, n 3, p. 238-246, mar. 2023. DOI: 10.1177/10436596231158136. Acesso em: 03 fev. 2024

MGOGO, Q.; OSUNKUNLE, O. Students perceptions of the influence of media on perpetuating xenophobia in South African universities. **The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa**, vol. 19, n. 1, fev. 2023. DOI:10.4102/td.v19i1.1218. Acesso em: 8 fev. 2024.

MILESI, R.; COURY, P.; ROVERY, J. Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 53-70, Ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/83376>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MORAES, N. A. DE.; CAMPOS, M. A.; COTRIN, J. T. D. Inserção de haitianos na educação básica em Mato Grosso: percepção de gestores, professores e estudantes. **Revista Educação**, vol. 48, n. 1, 1–24, jan/dez 2023 DOI:<https://doi.org/10.5902/1984644466500>. Acesso em: 22 mar. 2024.

MOROSINI, M. C. **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre. EdUPUCRS, 2019. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/livro/1383/> Acesso em: 5 abr. 2023.

MOROSINI, M. C.; CORTE, M. G. D. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, v. 56, n. 47, p. 97–120, jan/mar. 2018. DOI: 10.21680/1981-1802.2018v56n47ID14000. Acesso em: 13 maio. 2024.

NGOBENI, M. Narratives of xenophobia at a South African university, **Communicatio**, vol. 48, n. 3, p. 43–60, dez. 2022. DOI: 10.1080/02500167.2022.2143835. Acesso em: 26 fev. 2024.

OLIVEIRA, V. S.; HOROCHOVSKI, R. R. A política pública de ação afirmativa da educação superior indígena na Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob o olhar de uma secretária executiva. **Revista Expectativa**, v. 20, n. 4, p. 133-154, out/dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.48075/revex.v20i4.22879>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PAALO, S. A.; ADU-GYAMFI S.; ARTHUR, D. D. Xenophobia and the challenge of regional integration in Africa: understanding three cardinal dynamics. **Revista Acta Acadêmica**. vol. 54, n. 2, p. 6-23, nov.2022. DOI: <https://doi.org/10.18820/24150479/aa54i2/2>. Acesso em: 15 dez. 2023.

PEREIRA, E. M. da A. Internacionalização na universidade contemporânea: uma visão da internacionalização em uma universidade pública paulista. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 5, p. 1-19, 2019. DOI: 10.20396/riesup.v5i0.8653979. Acesso em: 3 jan. 2024.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social - Métodos e Técnicas**, 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RIGOUSTE, M. Purificar o território: a luta anti-imigratória como laboratório securitário (1968-1974). **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 2, p. 952-968, 2018. DOI: 10.1590/2179-8966/2018/34241. Acesso em 12 nov. 2023.

RZYMSKI, P.; NOWICKI, M. COVID-19-related prejudice toward Asian medical students: A consequence of SARS-CoV-2 fears in Poland. **J Infect Public Health**, vol. 6, n. 13, p. 873-876, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jiph.2020.04.013>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. P.; DIANA, G. M. A. Discriminação racial nos quadros da administração pública no Brasil: um primeiro balanço dos efeitos da reserva de vagas para negros em uma organização de segurança pública. **Revista do Serviço Público**. Brasília. v. 69, n. 4, p. 275-302, out/dez. 2018. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/5334/1/O%20perfil%20racial%20nos%20quadros%20da%20administra%3a7%3a3o%20p%3%bablica%20no%20Brasil%20-%20um%20primeiro%20balan%3a7o%20dos%20efeitos%20da%20reserva%20de%20vagas%20para%20negros%20em%20uma%20organiza>

%c3%a7%c3%a3o%20de%20seguran%c3%a7a%20p%c3%bablica.pdf. Acesso em: 14 dez. 2023.

SANTOS FILHO, J. C. dos. Internacionalização da educação superior: redefinições, justificativas e estratégias. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, v. 25, n. 53, p. 11–34, jan/abr. 2020. DOI: 10.20435/serie-estudos.v25i53.1383. Acesso em: 13 abril. 2024.

SYMON, G. **Questionnaires: Design and Use**. Editora Routledge, 2012.

TRAN, M. T.; JUNG J.; UNANGST, L.; MARSHALL, S. New developments in internationalization of higher education. **Higher Education Research & Development**, vol. 42, n. 5, p. 1033-1045, 2023. DOI:<https://doi.org/10.1080/07294360.2023.2216062>. Acesso em: 17 mar. 2023.

WILLIAMS, W. Atravessando fronteiras: A crise dos deslocados em África e as suas implicações para a segurança. **Centro África de estudos estratégicos, instituição acadêmica do Departamento de Defesa dos EUA**. Washington, DC, vol. 8, out. 2019. Disponível em: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/02/ARP8PT-Atravessando-fronteiras-A-crise-dos-deslocados-em-Africa-e-as-suas-implicacoes-para-a-seguranca.pdf>. Acesso em: 11 jan, 2024.

WIT, H. Internationalization in higher education, a critical review. **Educational Review**, Burnaby, v. 12, n. 3, p. 9-17, 2019. DOI:10.21810/sfuer.v12i3.1036. Acesso: 5 mar. 2023.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflito de interesses com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1 –Coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

Autor 2 –Coordenador do projeto, participação na análise dos dados e revisão da escrita final.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.